SJ012: O indivíduo, a sociedade e o Estado

* **Título:** *O indivíduo, a sociedade e o Estado*
* **Autor:** Emma Goldman
* **Linha fina:** Considerada a mulher mais perigosa da América pelo primeiro diretor do FBI, a anarquista Emma Goldman (1869–1940) denunciou publicamente os problemas mais urgentes de sua época de forma radical e direta
* **Coleção:** Anarc
* **Nacionalidade:** Russa
* **Título original:** Existe o título original em russo do ensaio que dá nome ao livro da Hedra, organizado por Mariana Lins. Mas é apenas um dos textos desta edição
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Mariana Lins
* **Categoria:** Filosofia ou Política
  + **BISAC:** POL052000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Mulheres na Política; POL035000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Liberdade Política; POL004000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Direitos Civis; SOC051000: CIÊNCIAS SOCIAIS/Violência na Sociedade; POL042010: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Ideologias Políticas/Anarquismo; POL046000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Comentário e Opinião
  + **Thema:** JPFB: Anarquismo; JPV: Controle político e/ou liberdades; LNDC: Direito: direitos humanos e liberdades civis
* **Escola:** Anarquismo
* **Assunto:** Anarquismo; Ação direta; Feminismo anarquista; Direitos das mulheres; Liberdade individual; Anti-militarização; Anti-fascismo; Revolução; Crítica ao poder
* **Edição:** Jorge Sallum
* **Coedição:** Suzana Salama e Rogério Duarte
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Tradução e introdução:** Mariana Lins
* **Revisão:** Rogério Duarte
* **Capa:** Lucas Kroëff
* **Número de páginas:** 206
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-806-5
* **Data de entrega de arquivos:** 1º de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** *O indivíduo, a sociedade e o Estado* é uma antologia de textos cujo mote é a defesa intransigente da liberdade do indivíduo. Em uma crítica ferrenha à submissão ao poder estatal, o artigo que dá título ao livro já antecipava muitas das questões fundamentais do século XX, como a militarização estratégica dos EUA. A presente edição conta ainda com o posfácio do livro *My disillusionment in Russia* (1923) e o artigo "Não há comunismo na Rússia" (1935), no qual a autora critica o autoritarismo e a centralização de poder dos sovietes.
* **Sobre o autor:** Emma Goldman (1869–1940) foi uma revolucionária anarquista de origem russa que migrou para Rochester (EUA) em 1886. Ativista dos direitos da mulher, uniu-se a Margaret Sanger na luta pelo controle de natalidade e deu palestras por todos os Estados Unidos, um dos motivos que levaram à sua perseguição constante pelos agentes do FBI. Foi presa inúmeras vezes entre 1893 e 1921, acusada de incitar rebeliões e opor-se, entre outras ações, à Primeira Guerra Mundial e ao alistamento militar. Em 1931, publicou sua autobiografia e manteve intensa atividade como palestrante, além de residir nos principais países da Europa. Durante a Guerra Civil Espanhola, em 1936, apoiou ativamente os anarquistas na luta contra o fascismo. Faleceu em Toronto, Canadá, em 1940.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo *Patriotismo: uma ameaça à liberdade*** 
    - O que é, então, o patriotismo? “O patriotismo, senhor, é o último recurso de um patife”, disse o dr. Johnson. Lev Tolstói, o maior antipatriota do nosso tempo, define o patriotismo como o princípio que justifica o treinamento de assassinos em grande escala; um negócio que exige os melhores equipamentos para o exercício de matar seres humanos, em vez de exigi-los para a fabricação de coisas básicas como sapatos, roupas e casas; um negócio que garante melhores retornos financeiros e uma glória muito maior do que no caso de um trabalhador médio. Gustave Hervé, outro grande antipatriota, considera, com justiça, o patriotismo uma superstição — só que muito mais nociva, brutal e desumana do que a religião. É o patriotismo que ajudará o arquiassassino, Díaz, a aniquilar milhares de vidas no México, que prenderá os revolucionários mexicanos em solo americano e que garantirá que permaneçam encarcerados nas prisões americanas, sem que haja qualquer motivo ou razão. Nós, americanos, nos definimos como um povo amante da paz. Odiamos o derramamento de sangue; nos opomos à violência. No entanto, temos espasmos de alegria com a possibilidade de lançar, de máquinas voadoras, bombas de dinamite sobre cidadãos indefesos. [...] Os nossos corações se enchem de orgulho ante o pensamento de que a América está se tornando a nação mais poderosa da terra, e que eventualmente esmagará com seu pé de ferro os pescoços de todas as outras nações.
  + **Capítulo *Preparação militar, o caminho para o massacre universal*** 
    - “Munição! Munição! Ó, Senhor, tu que governas o céu e a terra, tu, ó Deus do amor, da misericórdia e da justiça, dai-nos munição suficiente para destruir o nosso inimigo.” Tal é a oração que ascende diariamente ao céu dos cristãos. Da mesma forma que o gado se lança nas chamas quando, em frente ao fogo, é tomado pelo pânico, os europeus estão a cair uns sobre os outros em meio às chamas devoradoras das fúrias da guerra. E isso enquanto a América está sendo empurrada até a beira do mesmo precipício por políticos inescrupulosos, demagogos inflamados e tubarões militares, em que está sendo preparada para levar a cabo o mesmo feito funesto. A América é, na sua essência, um caldeirão cultural. [...] No entanto, os chauvinistas e os especuladores da guerra estão impregnando a atmosfera com slogans sentimentais de nacionalismo hipócrita: América para os americanos, América em primeiro lugar, por último e sempre. Esse bordão atraiu a imaginação popular de um extremo do país ao outro. Para que a América seja protegida, a preparação militar deve ser mobilizada de uma vez só. Um bilhão de dólares saídos do suor e do sangue do povo será gasto com navios de guerra e submarinos para o exército e a marinha; tudo para a proteção da nossa preciosa América.
    - O militarismo consome os elementos mais fortes e produtivos de uma nação. Engole a maior parte da receita nacional. Se comparados com o montante destinado ao militarismo em tempos de paz, os gastos com educação, arte, literatura e ciência são praticamente nulos; e, em tempos de guerra, todo o resto é reduzido a nada: a vida estagna, todo esforço é tornado inútil — já que o suor e o sangue das massas estão sendo usados para alimentar o monstro insaciável do militarismo. [...] O militarismo precisa de um excedente preparação militar de energia para se manter vivo; por isso, é inevitável que busque um inimigo ou que crie um artificialmente. Com fins e meios tão civilizados, o militarismo é sustentado pelo Estado, protegido pelas leis do país, nutrido nos lares e escolas, glorificado pela opinião pública. Em outras palavras: a função do militarismo é matar. Ele não pode viver senão por meio do assassinato.
  + **Capítulo *Minha nova desilusão com a Rússia***
    - Críticos socialistas não bolcheviques do fracasso russo defendem a compreensão de que a revolução jamais poderia ter obtido sucesso na Rússia, porque o desenvolvimento industrial do país ainda não havia atingido o clímax necessário. [...] Essa visão ortodoxa do marxismo não considera um fator importante que é, possivelmente, ainda mais vital para o sucesso de uma revolução social do que a questão industrial. Trata-se da psicologia das massas de um determinado período histórico. Por que não há, por exemplo, nenhuma revolução social em curso nos Estados Unidos, na França ou mesmo na Alemanha? É certo que esses países já atingiram o grau de desenvolvimento industrial estabelecido por Marx como o estágio culminante. O problema é que uma indústria avançada e contradições sociais agudas não são fatores, em si mesmos, suficientes para dar à luz uma nova sociedade ou para desencadear uma revolução social. O que falta [...] é a consciência social necessária, é a psicologia das massas requerida para um tal feito. Essa é a explicação para o porquê de nenhuma revolução social estar sequer perto de vir a acontecer nesses países.
    - Uma revolução só pode ser verdadeira e permanentemente bem-sucedida no caso de se opor com toda a sua força contra a tirania e a centralização do poder [...] Não é a simples substituição de um partido político por outro no controle do governo, não é o escamoteamento da autocracia através de slogans proletários, não é a ditadura de uma nova classe sobre a antiga, nem qualquer tipo de mudança no cenário político, mas, sim, tão somente a reversão completa de todos esses princípios autoritários o que servirá à causa da revolução.
    - O poder industrial das massas, expresso por meio das suas associações libertárias — ou seja, o anarcossindicalismo —, é a única alternativa capaz de organizar com sucesso a vida econômica e a continuidade da produção. De outro lado, as cooperativas, trabalhando em harmonia com os órgãos industriais, servem como meio de distribuição e troca entre a cidade e o campo, ao mesmo tempo em que unem, num laço fraterno, as massas industriais e agrárias. A criação de uma aliança de serviço e assistência mútua é o maior baluarte da revolução — de longe muito mais efetivo do que o trabalho compulsório, o Exército Vermelho ou o terrorismo. Apenas dessa forma a revolução pode atuar como fermento capaz de acelerar o desenvolvimento de novas formas sociais e inspirar as massas a realizações cada vez maiores acionados a medidas paliativas ou reformas.
    - Na minha opinião — mil vezes reforçada pela experiência russa —, a grande missão da revolução, da revolução social, é uma transvaloração fundamental de todos os valores. Uma transvaloração não apenas dos valores sociais, mas também dos valores humanos. [...] Modificar essas instituições e condições e, ao mesmo tempo, deixar intactas as ideias e valores a elas subjacentes significa uma transformação meramente superficial, incapaz de perdurar ou de trazer alguma melhoria real. Trata-se de uma mudança apenas na forma, não na substância, como foi demonstrado tão tragicamente pela Rússia.
  + **Capítulo *Não há comunismo na Rússia***
    - Tal como a terra e os meios de produção, nenhum outro aspecto da estrutura econômica soviética é comunista. Todas as fontes de existência são propriedades do governo central; ele detém o monopólio absoluto do comércio exterior; todas as gráficas pertencem ao Estado: cada livro, cada pedaço de papel impresso é publicado pelo governo. Em suma, o país inteiro com tudo o que há nele são propriedades do Estado, do mesmo modo que, antigamente, eram propriedades da coroa. As poucas coisas que ainda não foram nacionalizadas — caso, por exemplo, de algumas casas antigas e deterioradas de Moscou, e de algumas lojinhas lúgubres com seus estoques lamentáveis de cosméticos — só perduram por uma tolerância tácita; dado que o governo tem o direito indiscutível e incontestável de confiscá-las, a qualquer momento, por meio de um simples decreto. Um tal estado de coisas pode até ser chamado de capitalismo de Estado, mas é completamente fantástico considerá-lo, em qualquer sentido que seja, comunista.
  + **Capítulo *O indivíduo, a sociedade e o Estado***
    - As mentes dos seres humanos estão submersas na mais profunda confusão, porque os fundamentos da nossa civilização, ao que parece, encontram-se à beira do colapso. As pessoas estão perdendo a fé nas instituições; e as mais inteligentes já perceberam que o industrialismo capitalista aniquila o propósito ao qual supostamente serve. O mundo se encontra num verdadeiro beco sem saída. O parlamentarismo e a democracia estão em declínio. A salvação é procurada no fascismo e em outras formas de governo forte. A luta entre ideais opostos, agora em curso no mundo, diz respeito a problemas sociais que exigem, com urgência, uma solução. O bem-estar do indivíduo e o destino da sociedade humana dependem de encontrarmos a resposta correta para essas questões. A crise, o desemprego, a guerra, o desarmamento, as relações internacionais etc. são alguns desses problemas. O Estado — governo com funções e poderes — é, atualmente, o assunto de maior interesse para todo ser humano que pensa. Os desdobramentos da política nos países civilizados trouxeram consigo uma série de questões. Devemos ter um governo forte? A democracia e o parlamentarismo são realmente preferíveis? Ou seria alguma espécie de fascismo — de ditadura de tipo monárquico, burguês ou proletário —, a solução para os males e dificuldades que afligem a sociedade de hoje?
    - O Estado, tanto o eclesiástico, quanto o secular, apenas serviu para dar uma aparência de legalidade e de direito aos males cometidos por poucos contra muitos. A aparência de legalidade foi necessária para facilitar o governo do povo, porque nenhum governo pode existir sem o consentimento do povo, seja esse consentimento aberto, tácito ou presumido. O constitucionalismo e a democracia são as formas modernas desse suposto consentimento, inoculado doutrinariamente através da chamada educação — recebida em casa, na igreja e em todas as diferentes esferas da vida. Esse consentimento é a própria crença na autoridade, na necessidade da autoridade.
    - Os interesses do Estado e os do indivíduo diferem fundamentalmente, são antagônicos. O Estado e as instituições políticas e econômicas que ele respalda só podem existir se deformarem o indivíduo de acordo com seus propósitos particulares; treinando-o a respeitar a lei e a ordem [...] O Estado inclusive coloca a si e aos seus interesses acima das reivindicações da religião e de Deus. Ele condena e pune escrúpulos religiosos ou morais individuais; porque a individualidade não existe sem a liberdade e a liberdade é a maior ameaça à autoridade.
    - A longa marcha da história ensinou ao ser humano que divisão e conflito significam morte, e que somente a unidade e a cooperação podem fazer avançar a sua causa, multiplicar a sua força e fomentar seu bem-estar. [...] É esse espírito antiprogressista e antissocial do Estado e das castas privilegiadas que se ocultam por trás dele, o responsável por toda essa luta feroz deflagrada entre os seres humanos. De outro lado, o indivíduo e grupos cada vez maiores de indivíduos estão começando a ver para além da superficialidade da ordem estabelecida. Eles já não estão tão cegos, como no passado, pelo brilho falso da ideia de Estado, como tampouco o estão pelas bênçãos do individualismo rude. O ser humano está ampliando o escopo das relações humanas, ampliação que apenas a liberdade pode possibilitar. Pois a verdadeira liberdade não é um pedaço de papel chamado de constituição, direito legal ou lei. Não é uma abstração derivada da não-realidade conhecida como o Estado. Não é negativa, no sentido de se estar livre de alguma coisa, pois com esse tipo liberdade se pode morrer de fome. A liberdade real, a liberdade verdadeira é necessariamente positiva: é a liberdade para algo; é a liberdade de ser e fazer; numa sentença: é a liberdade de desfrutar de oportunidades efetivas e ativas. Esse tipo de liberdade não é um dom: é o direito natural do homem, de todo ser humano. [...] Para que esses valores sejam nutridos, a comunidade precisa perceber que o seu bem maior e mais duradouro é a unidade: o indivíduo.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)

**Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)